

ENTRE FREUD E ADORNO: Contribuições psicanalíticas para a análise do fascismo

FROM FREUD AND ADORNO: Psychoanalytic contributions to the analysis of fascism

Vinícius Rufino Leal

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Toledo, Paraná, Brasil. E-mail: vrlpsicologia@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-8583-2997>

José Francisco de Assis Dias

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Toledo, Paraná, Brasil. E-mail: prof.dias.br@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5339-8652>

Reginaldo Aliçandro Bordin

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/PR. Toledo, Paraná, Brasil. E-mail: reginaldobordin@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4417-7951>

Resumo: O artigo analisa, numa perspectiva crítica e interdisciplinar, as concepções teóricas de Theodor W. Adorno e Sigmund Freud sobre os elementos estruturais do fascismo, por meio de uma articulação entre os elementos sociais e psicanalíticos que compõe as dinâmicas presentes nesse fenômeno. Considerando os conceitos freudianos de pulsão de morte e pulsão de vida, o narcisismo das pequenas diferenças e o surgimento de uma personalidade autoritária, debata-se a respeito de como as estruturas econômicas e culturais estão a serviço da legitimação da violência e sustentação para os discursos de ódio. Evidenciando como os pontos de articulação da reflexão psicanalítica freudiana intercepcionam a teoria crítica adorniana, fornecendo subsídios para a possível decodificação dos processos subjetivos e históricos que dão sustentação aos regimes autoritários, oportunizando discursos de resistência política e subjetiva frente ao fascismo.

Palavras-chave: Psicanálise. Adorno. Freud. Fascismo. Violência.

Abstract: The article examines, from a critical and interdisciplinary perspective, Theodor W. Adorno and Sigmund Freud theoretical conceptions regarding the structural elements of fascism, through an articulation of the social and psychoanalytical components that shape the dynamics of this phenomenon. Drawing on Freud's concepts of the death drive and the life drive, the narcissism of minor differences, and the emergence of an authoritarian personality, it discusses how economic and cultural structures support the legitimization of violence and perpetuate hate discourses. It further highlights how the points of articulation in Freudian psychoanalytical thought intersect with Adorno's critical theory, providing tools for the potential decoding of the subjective and historical processes that underpin authoritarian regimes and fostering both political and subjective

resistance to fascism.

Keywords: Psychoanalysis. Adorno. Freud. Fascism. Violence.

INTRODUÇÃO

O crescente ressurgimento público de movimentos autoritários em diferentes cenários históricos e geográficos alimenta o debate sobre quais os vetores psicológicos, sociais e econômicos que não somente possibilitam o nascimento de novas frentes fascistas, mas também legitimam sua permanência perante um adormecimento social. Travestido de retóricas sobre direitos individuais e liberdade de expressão, o fascismo ainda segue conservando traços fundantes como: a frequente manipulação das massas por meio de aparatos culturais, um culto à violência e a figura do líder, assim como, um apelo a uma pretensa perda do ordenamento social (Adorno, 2019). São nesses proponentes que se torna possível a articulação da psicanálise freudiana à teoria crítica de Adorno, visando não a construção cartesiana de uma psicologia do fascismo, e sim, a compreensão das forças propulsoras que organizam a ordenação subjetiva e leva a subjugamento social aos discursos autoritários, oportunizando a instalação de levantes fascistas no atual cenário global.

Nas obras freudianas, mais precisamente em *O Mal-Estar na Cultura* (1930/2020) e *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921/2020), são articuladas concepções teóricas em relação aos conflitos pulsionais que definem o processo de entrada na cultura e o ordenamento social, apontando inclusive como a influência dos líderes carismáticos servem ao processo de amalgamação das formações de massa. Em Adorno, surge uma perspectiva diferente e que corrobora para esse pensamento freudiano considerando outras variáveis, em *Estudos sobre a Personalidade Autoritária* (2019) e *Minima Moralia* (1992), discute-se a respeito da forma que a dinâmica do capitalismo fomenta mecanismos de manipulação ideológica, oportunizando a sujeição de pessoas à obediência cega e a necessidade de elencar-se bodes expiatórios para a vazão da violência.

Propõe-se nesse artigo, com base na metodologia da teoria crítica, uma análise aprofundada em relação a reflexão crítica e filosófica sobre a possível relação teórica entre Adorno e Freud, considerando as citações já realizadas por Adorno a respeito do autor e a influência deste em suas produções filosóficas. Demonstrando como ambos os campos podem auxiliar na elucidação, de forma complementar, sobre a construção da lógica fascista.

A relevância desse empreendimento reside na possibilidade de compreender a ambiguidade presente na condição humana, percebendo que embora exista um potencial criativo

e criador na vivência dos sujeitos, este é, ao mesmo tempo, atravessado por forças instintivas destrutivas que podem ser canalizadas e cooptadas por estruturas socioeconômicas, as quais legitimariam e amplificariam os discursos de violência. Portanto, compreender a construção do fascismo pelos prismas psíquico e social, é em sua essência, voltar o olhar para aqueles que se revelam como autoridades fascistas e quais os conteúdos pulsionais presentes nessas figuras que podem canalizar o pior sobre nós mesmos, indicando com isso a possibilidade de criarmos frentes de resistência.

DINÂMICAS PULSIONAIS E AS BASES SOCIAIS DE UMA PERSONALIDADE AUTORITÁRIA

Na obra *O Mal-Estar na Cultura* (1930/2020), de Sigmund Freud, o autor apresenta a presença de um conflito entre dois instintos da vida psíquica humana, o instinto de vida (*Eros*) e o instinto de morte (*Thanatos*). Estes conceitos seriam a chave para a compreensão da dinâmica pulsional da violência na estrutura subjetiva humana, servindo como base para a compreensão posterior sobre as dinâmicas de conflitos entre grupos descritas em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921/2020). Para o autor, o processo civilizatório é marcado por mecanismos de repressão que embarreram as ações instintuais individuais em prol de uma vivência comunitária minimamente ordenada. Entretanto, esses processos repressivos não extinguem as pulsões, na realidade eles só deslocariam esse potencial agressivo interno para agentes do mundo externo.

Como isso se relacionaria com a formulação da estrutura fascista? Para Freud, embora ainda não usasse o termo fascismo, os regimes autoritários cooptam essa dimensão pulsional por meio da manipulação, instigando que “os indivíduos reencontrem, no ódio ao outro, uma via de descarga para as tensões que foram, durante muito tempo, reprimidas pelo supereu” (Freud, 1930/2020, p.78). Ele ainda ressalta, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921/2020), que o sujeito, quando inserido em um processo coletivo que tende a idolatrar um líder, guia-se renunciando a uma parte significativa da sua capacidade de tomar decisão e consequentemente da sua autonomia psíquica. Realizando uma redistribuição da sua libido, o que antes contemplava múltiplas relações passa a ser concentrado na figura do líder, tornando-o deposito de seus desejos, medos e aspirações.

É nesse fascínio pela figura do líder que estará concentrado a expectativa de aprovação ao que Lacan definiu como “grande Outro”, uma instância inconsciente que subjetiva e internaliza as regras, visando com isso garantir proteção ao sujeito. É ao exteriorizar essa figura fantasiosa que o direcionamento pulsional arbitrária na escolha de seus inimigos, conduzindo sua agressividade com o objetivo de manter uma coesão interna do grupo (Lacan, 2006).

Outro conceito freudiano importante para a percepção das estruturas psíquicas do fascismo é o narcisismo das pequenas diferenças. Visto que Freud (1921/2020) ressalta que os processos de culturalização tendem a cultivar formas de distinção, muitas vezes ínfimas, mas que carregam em si um significado emocional desproporcional. Portanto, destinar hostilidade para quem ou o que é percebido como minimamente diferente reforçaria a construção e conservação de laços sociais. No contexto do fascismo, percebe-se que esse narcisismo das pequenas diferenças faz eco nas retóricas contra as minorias, indicando uma inferioridade aos marcadores de raça, gênero, cultura ou política. A consequência é que o ódio destinado ao outro passa a ser subjetivado como um elemento agregador ao grupo, fortalecendo um desejo de unidade e identificação com o líder. Torna-se, então, um entrelaçamento perfeito das dinâmicas pulsionais e as possibilidades de estratégias políticas: o líder autoritário se fortalece na necessidade de exclusão do diferente, ao passo que a sua existência (líder) estimula as projeções de medo/desamparo e a rejeição sobre daqueles que soam como ameaça. Um ponto relevante para se pensar o motivo do medo em relação ao fantasma do comunismo seguir tão presente nos discursos políticos no Brasil.

Frente a essa proposta freudiana, é necessário fazer uma ressalva sobre o pensamento de Adorno (2019), embora os autores estejam buscando compreender o fenômeno da construção de um líder, para Adorno, é necessário que não se “psicologize” o fascismo de maneira unilateral. Afinal, isso incidiria em negligenciar as condições sociais que moldam a construção de vida subjetiva humana. Em sua obra *Estudos sobre a Personalidade Autoritária* (2019), Adorno argumenta que a organização capitalista gera uma fragmentação do indivíduo e o induz a estabelecer relações de concorrência, propiciando uma predisposição à submissão e à violência. O sujeito alienado, ao ser desprovido de referenciais sólidos de comunidade, encontra no líder uma promessa de segurança. Portanto, manter uma posição cega e agir ativamente seria uma forma de aliviar incertezas e canalizar as tensões existenciais.

A afirmação de que “o fascismo é a verdade da sociedade capitalista” (Adorno, 2019, p. 45), pode ser compreendida dentro do arcabouço teórico do autor como o fato do fascismo revelar, de forma brutal e caricata, contradições inerentes aquilo que o próprio sistema se propõe. Não é necessariamente considerar o capitalismo como sinônimo de fascismo, e sim, perceber que concorrência e a adaptação autoritária, símbolos da classe burguesa, vão encontrar no regime fascista seu ápice e legitimação.

Adorno e Horkheimer, em *Dialética do Esclarecimento* (1985), dedicaram-se em compreender como a indústria cultural – cinema, rádio e propaganda – atuavam na modelagem não só do comportamento humano, mas também de sua consciência. Para eles, o processo de reprodução em massa de narrativas e símbolos atuam na homogeneização do pensamento,

impedindo a capacidade de autonomia crítica do indivíduo. Devido a isso, os regimes fascistas trazem por marca a propaganda como um mecanismo político, seja na criação de slogans, imagens e discursos que irão apelar para os afetos mais primitivos e simplificar a realidade, contribuindo para o fortalecimento de estereótipos e preconceitos.

Sobre isso Adorno afirma o seguinte: quem “se crê esclarecido pela propaganda fascista é, na verdade, conduzido de volta a impulsos arcaicos, tornando-se presa de seus próprios temores e desejos reprimidos. A reflexão é substituída pela cumplicidade emocional” (Adorno, 1992). Em sua análise, fica evidente que a constante repetição de fórmulas discursivas atua como instrumento de confirmação do grupo as aspirações autoritárias, instaurando um discurso hegemônico, no qual, o sujeito irá validar seu senso de pertencimento a determinado grupo. Consequentemente este anulará a culpa por suas violências ao se perceber como membro de uma coletividade forte e unificada frente a ameaça que o “outro” lhe causa.

Trata-se então de observar a dialética entre a estrutura social e as predisposições psíquicas dos indivíduos, o que não significa somente uma atribuição de responsabilização da indústria cultural ou da propaganda política oficial. Em outras palavras, se Freud propôs que as repressões pulsionais podem conduzir a comportamentos agressivos e submissão à autoridade, Adorno evidencia que na realidade a catalisação dessas tendências se deve a como as massas capitalistas passam a estruturar esses comportamentos de modo a torná-los frequentemente desejáveis.

Portanto, para Adorno, o processo de alienação do indivíduo se dá quando este “já não se reconhece como um agente histórico, pois se vê enredado em relações sociais que o coagem a competir e a se adaptar [...] pavimentando o caminho para a aceitação de ideologias autoritárias” (Adorno, 2019, p. 83), culminando em um enfraquecimento do senso crítico. É nesse ponto que as teorias de Adorno e Freud irão convergir para apontar como o fascismo coopta esses impulsos inconscientes, uma vez que, este movimento estará sustentado em condições históricas, culturais e econômicas que predispõem o sujeito à submissão.

DIÁLOGOS E ARTICULAÇÕES: FREUD, ADORNO E O FASCISMO

Embora pareça que os autores estejam apontando caminhos diferentes em relação a maneira que o fascismo lança seus tentáculos na existência humana, é possível estabelecer um diálogo entre ambos, considerando inclusive as próprias citações de Adorno sobre Freud em suas obras e entrevistas. Se, por um lado, Freud (1930) ressalta que os indivíduos, ao reprimir seus instintos, correm o risco de projetar sua agressividade em outros grupos, por outro lado, Adorno (2019) aponta que o sistema capitalista em sua forma de organização promove um processo de alienação

que fragiliza a autonomia do indivíduo. Portanto, o líder fascista surge como uma figura que canaliza as forças de repressão para a ideia de construção de uma nova ordem, obrigando que aqueles que a aspiram tenham uma adesão incondicional.

Essa convergência se manifestaria na instrumentalização da hostilidade latente como uso político, ou seja, a personalidade autoritária não é um mero produto de um desejo individual, pois, na realidade ela reflete, também, exigências de uma sociedade hierarquizada, que é pautada na competitividade e na passividade frente ao poder. Para Adorno (2019) é possível identificar nessa organização traços de rigidez, preconceito, adesão a normas e hostilidade em relação ao diferente. Já para Freud (1921), a construção de uma figura autocrática permite que a ilusão de proteção seja suportada pela liberação de desejos reprimidos. Assim, a ideologia autoritária cumpre um papel compensatório, explicando os fracassos individuais e as tensões sociais na personificação de inimigos “invisíveis” (minorias, opositores políticos, estrangeiros), canalizando a frustração em violência.

Outro autor que reforçará essa ideia é Marcuse (1975), ao afirmar que a civilização requer renúncia, só que esta renúncia gera um excedente de agressividade que pode ser manipulado por forças políticas interessadas na mobilização irracional das massas. Tomando por essa ótica, o caráter compensatório da ideologia autoritária poderia perfeitamente contemplar como a pulsão de morte (*Thanatos*), quando não devidamente elaborada, pode ser direcionada contra o outro sob a forma de violência institucionalizada.

FASCISMO CONTEMPORÂNEO: RECONFIGURAÇÕES E DESAFIOS

Assiste-se, em nosso tempo, à metamorfose contínua de um fenômeno que carrega consigo as marcas profundas da história: o fascismo se renova, o fascismo se multiplica, o fascismo se reinventa. Nas redes sociais e em outras mídias digitais, estas forças encontram caminhos ainda mais ágeis para replicar discursos de ódio, criando comunidades virtuais que se reconhecem em torno de símbolos autoritários e ideais de exclusão. Se na primeira metade do século XX o rádio e o jornal impresso desempenharam um papel determinante, hoje é a viralização instantânea dos conteúdos digitais que, segundo Žižek (1992), exerce influência considerável na formação de bolhas ideológicas e nutrem um potencial de atração dos pensamentos extremistas. A lógica da identificação de massa, descrita por Freud (1921) e reelaborada pela teoria crítica, permanece nos seguidores que veem em influenciadores, celebridades digitais e figuras políticas a imagem de um líder capaz de canalizar a pulsão destrutiva contra um suposto inimigo comum. Permanece na

ausência de empatia, na alienação digital (Adorno, 2019), que se revela quando o outro é transformado em alvo constante.

Nesse contexto, as crises econômicas atuam como combustível. A crise econômica, a perda de emprego e o medo do empobrecimento faz com que isso reverbere numa atmosfera de vulnerabilidade em que promessas simplistas de grandeza e pureza nacional ressurgem com força. Desemprego e precariedade tornam-se terreno fértil para que a pulsão agressiva, descrita por Freud (1930/2020), seja redirecionada aos culpados imaginários que encarnam simbolicamente a ameaça à prosperidade local. É nesse caldo de cultura que fórmulas fascistas, mesmo sob novos rótulos, preservam a lógica da perseguição, conservando a identificação de inimigos como estratégia de coesão. Semelhantemente este movimento intensifica o ressentimento coletivo, projetando na figura do outro a culpa pelas dificuldades individuais e legitimando a suposta necessidade de um líder forte. Como relembra Adorno (1992), a busca por soluções fáceis se torna muito maior quando a sensação de perda de status se espalha, permitindo a adesão a mitos autoritários.

Entretanto, a mesma análise freudiana que ilumina as engrenagens psíquicas – o ódio inconsciente, as pulsões de morte canalizadas para a violência – também esboça caminhos de resistência. A educação crítica, ancorada em valores iluministas e repensada por Adorno e Horkheimer (1985), emerge como antídoto ao pensamento autoritário, uma via para incentivar a autonomia de julgamento e a reflexão ética. Educar não significa mera instrução técnica, mas formar sujeitos capazes de questionar os discursos de ódio e de perceber, nas próprias emoções e tendências, o risco de ceder à barbárie. Significa, também, oferecer condições sociais em que a sublimação das pulsões destrutivas possa ocorrer sem gerar frustrações insuportáveis. Como destaca Freud (1930), todo processo civilizatório exige renúncias, mas essas renúncias devem ser equilibradas, devem ser mitigadas por estruturas que privilegiem a solidariedade e o reconhecimento mútuo.

A teoria crítica, por sua vez, recorda que a emancipação do indivíduo não pode ser descolada das mudanças coletivas. Afinal, o processo de intelectualização é importante, porém não é suficiente, uma vez que, se persistem as desigualdades, as políticas que reforçam a vulnerabilidade e a competição excessiva também persistem. Para Adorno (2019), é urgente e necessário repensar as bases socioeconômicas que alimentam e sustentam a alienação, promovendo uma concepção crítica que fortaleça a igualdade, a participação democrática e a proteção dos direitos humanos. Faz-se essencial também o engajamento político concreto, capaz de barrar retrocessos autoritários e de manter viva a vigilância contra o renascer de discursos fascistas, pois o fascismo pode retornar sob novas roupagens sempre que encontra terreno fértil em crises sociais e fragilidades psíquicas. Portanto, educação e mudança estrutural, liberdade e

responsabilidade coletiva, se entrelaçam para a construção de uma barreira crítica e uma esperança de transformação. A esperança de que, reconhecendo a lógica perversa do autoritarismo em nosso meio, possamos encontrar meios de valorizar a alteridade, de honrar a dignidade humana e de desativar, antes que seja tarde, o ímpeto destrutivo que insiste em renascer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o olhar de Freud e Adorno sobre o fascismo é como mergulhar em um rio de correntes que se entrelaçam, se por um lado estão presentes forças inconscientes e pulsionais que podem ser exploradas por líderes sedutores, por outro lado, existem condições sociais e históricas que fornecem o cenário perfeito para o surgimento de regimes autoritários. No encontro desses pensamentos jorra agressividade, medo e um desejo de segurança que, ao mesmo tempo em que aparentemente buscam refúgio em promessas de segurança e ordem, podem rapidamente se transformar em combustível para práticas opressoras.

Ao entendermos essa engrenagem em que *Eros* e *Thanatos* dividem o palco com o consumo e a alienação é que se abre caminhos para que atuemos de forma consciente no enfrentamento a toda forma de violência. Se há uma tensão interior, há também a possibilidade de reconhecer-la, elaborá-la e direcioná-la de modo a não cair nas garras do ódio. E se há estruturas sociais que incentivam a competição desenfreada, podemos lutar por instituições mais justas, capazes de acolher a diversidade e frear a sedução do autoritarismo.

Assim, olhar o fascismo com lentes psicanalíticas e críticas não é um chamado ao desencanto, mas um convite à esperança lúcida. Esperança de que, ao percebermos os impulsos que podem nos empurrar para a intolerância,せjamos capazes de ressignificar estes com solidariedade. Mantendo viva a esperança de que, ao identificarmos as raízes sociais do autoritarismo, encontremos força coletiva para transformá-las. Nesse horizonte, cada gesto reflexivo e cada ação empática ergue uma barreira contra a violência que insiste em se disfarçar de solução. E, de passo em passo, a liberdade e a dignidade humana seguem como faróis, iluminando caminhos possíveis para uma convivência mais justa e compassiva.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Estudos sobre a Personalidade Autoritária*. São Paulo: UNESP, 2019.

ADORNO, Theodor W. *Minima Moralia: Reflexões a partir da vida danificada*. Tradução de Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1992.

Entre Freud e Adorno: Contribuições psicanalíticas para a análise do fascismo

FREUD, Sigmund [1921]. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, Sigmund [1930]. *O Mal-Estar na Cultura*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. São Paulo: Zahar, 2020.

LACAN, Jacques. O Seminário, Livro 17: *O Avesso da Psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 9 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: Uma Investigação Filosófica sobre Freud*. Tradução de Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

ŽIŽEK, Slavoj. *Eles Não Sabem o que Fazem: O Sublime Objeto da Ideologia*. Tradução de Maria Elisa Cevasco. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

Recebido em: 06/03/2025.

Aprovado em: 21/07/2025.